

DO SUBTERRÂNEO À FACHADA: A CIDADE ESCRITA DE MACHADO DE ASSIS E LIMA BARRETO

Níncia Cecília Ribas BORGES-TEIXEIRA*

- **RESUMO:** A pesquisa pondera as relações entre literatura e experiência urbana, sob esta perspectiva faz-se o levantamento das representações da cidade do Rio de Janeiro, recém-inserida na modernidade e que ainda comporta vestígios do passado colonial. O trabalho tem como objeto central a análise das crônicas produzidas por Machado de Assis e Lima Barreto, escritores que podem ser considerados retratistas de um Rio que se modernizava. O estudo destas crônicas considera além do enfoque literário, a configuração histórica e o forte apelo jornalístico deste gênero, que até pouco tempo, era desconsiderado pelo cânone literário. Além da representação da cidade do Rio de Janeiro engendrada pelo discurso literário, promove-se o inusitado literário entre as figuras de Machado de Assis e Lima Barreto, até então, consideradas antitéticas. A fim de se promover essa confluência, esboça-se o mapa discursivo da metrópole que se modernizava, o Rio de Janeiro que adentrava no século XX. Por meio do desvendamento da floresta de símbolos que é tecida no seio da modernidade, emergem a cidade machadiana e a cidade barretiana. O que se observa, então, é o aparecimento de um Rio de Janeiro escrito a quatro mãos, em meio a uma “harmonia desconcertante” gerada pelo aparente paradoxo que envolve o fazer literário destes escritores
- **PALAVRAS-CHAVE:** Cidade textual. Literatura. Machado de Assis. Lima Barreto.

Introdução

A memória maneja a sua
luz, os dedos, a matéria.

Herberto Helder (2004, p.354).

A temática Literatura e Cidade tem despertado pesquisas em diversos campos do saber. Historiadores, arquitetos, sociólogos, antropólogos e estudiosos

* Unicentro – Universidade Estadual do Centro-Oeste. Departamento de Letras. Guarapuava, PR – Brasil. 85015-430 – ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br

Artigo recebido em 17 de Junho de 2011 e aprovado em 24 de Outubro de 2011.

da literatura têm enfrentado o desafio de inscrever a cidade como um espaço de concentração de linguagens, que compõe o discurso da modernidade. Na literatura, a experiência urbana e a cena escrita estão, ambas, inseridas no mundo dos signos. Conseqüentemente, pode-se afirmar que a cidade tem a capacidade de produzir significados, ela, da mesma forma que os textos literários, apresenta tantas interpretações, quantos forem os leitores. As diferenças vão criando leituras variadas, principalmente, quando se focaliza uma cidade particular, a partir de momentos históricos e culturais também particulares.

A relação Literatura e Experiência Urbana tornou-se mais visível na modernidade, quando a cidade transformada pela Revolução Industrial se apresenta como um fenômeno novo dimensionado na metrópole. Sob o signo do progresso, altera-se não só o perfil e a ecologia urbanos, mas também o conjunto de experiências de seus habitantes. Essa cidade da multidão, que tem a rua como traço forte de sua cultura, passa a ser não só cenário, mas a grande personagem de muitas narrativas, ou a presença incorporada em muitos poemas. Assim, é Paris para Baudelaire; Londres para Dickens, Buenos Aires para Borges, Lisboa para Eça de Queirós e o Rio de Janeiro para Machado de Assis e Lima Barreto.

No final do século XIX, foi produzido um conjunto de representações sobre o Brasil por meio de discursos de valores metropolitanos, que será registrado pela literatura, em especial pelas crônicas. O Rio de Janeiro- a metrópole cultural- seus habitantes, lojas, cafés, confeitarias e subúrbios estão configurados, dessa forma, nas crônicas de Machado de Assis e Lima Barreto. Estes escritores foram testemunhas da avalanche modernizadora que fez do Rio uma metrópole do século XX. Inevitavelmente, qualquer estudo que se volte para a produção literária brasileira neste período, não pode deixar de tomar como ponto de referência as obras literárias escritas por Machado de Assis, espécie de marco ou divisor de águas, pois a partir dele, começa-se a modernidade literária. No entanto, se se considerar somente as imagens que advêm dos escritos machadianos, ocorreria uma uniformidade, pasteurizando o pensamento da época, e se sabe, que neste período, o que ocorre é uma grande dicotomia, advinda da modernidade, no que se refere à construção do urbano. Assim, também levar-se-á em consideração a visão que Lima Barreto projetou sobre a cidade do Rio de Janeiro.

Elegendo como fonte primordial textos literários, em especial crônicas, que tematizam a cidade do Rio de Janeiro em sua relação tensa com o universo da Modernidade, a pesquisa faz um recorte de diferentes representações literárias da cidade, construídas a partir do que se convencionou chamar Cidade Moderna, e analisa como Machado de Assis e Lima Barreto viveram essa questão e a expressaram na leitura/escrita da cidade.

Cada um desses escritores deixou um conjunto de obras de grande interesse sociológico e estético, por isso é mister promover uma análise dos textos, a fim de evidenciar como os autores incorporaram os valores de seu tempo. Assim, suas trajetórias individuais, ao se definirem, vão compondo as redes institucionais que demarcaram o horizonte cultural da época.

A pesquisa aproxima os dois autores, utilizando como objeto o estudo das crônicas, que se unem em torno de um espaço dicotômico. Esse encontro não aparece em nenhum trabalho voltado à reconstituição da cidade do Rio de Janeiro pelo viés da literatura. O que se observava, até então, eram produções isoladas, ou seja, ora os estudos voltam-se para o Rio de Assis, ora se fala no Rio de Lima. Em nenhum momento, havia ocorrido o encontro de dois tipos absolutamente opostos de temperamentos, de inclinações sociais e de estilos, mas em um mesmo plano de genialidade estética.

Nesta perspectiva, indagar sobre as representações da cidade, na cena escrita construída pela literatura é, basicamente, ler textos que lêem a cidade, considerando não só a paisagem urbana, os dados culturais mais específicos, os costumes, os tipos humanos, mas também a cartografia simbólica, em que se cruzam o imaginário, o ficcional, a história, a memória da cidade e a cidade da memória.

É, enfim, considerar a cidade como discurso, verdadeiramente uma forma diferenciada da linguagem. A cidade escrita é, então, resultado da leitura, construção do sujeito que a lê, que a pensa como condensação simbólico-material e como cenário de mudança, em busca de significação. Escrever, portanto, a cidade é, também, lê-la, mesmo que ela se mostre ilegível à primeira vista; é engendrar uma forma para essa realidade sempre móvel. A escrita da cidade e a cidade como escrita é um jogo aberto à complexidade.

O final do século XIX e início do século XX foi um período de disposição e ânimo no mundo inteiro, trazido pelo progresso, pelos novos materiais de comunicação que transformavam a feição e os hábitos de sociabilidade e as práticas discursivas de toda a sociedade, pela experiência, ao mesmo tempo eufórica e traumática, do surto civilizatório do século que se inaugurava.

O Brasil procurava consolidar-se como um país republicano e conter as rebeliões populares que estouravam em algumas regiões. Assinalando, dessa forma, um processo de desestabilização e reajustamento social. O advento do sistema republicano foi marcado por uma série de crises, que atingiram principalmente, as elites tradicionais do Império.

Durante a passagem do século XIX para o XX, o Rio de Janeiro presenciava reformas urbanísticas que buscavam criar um cenário moderno e civilizado, capaz de sugerir novos hábitos e práticas sociais: os passeios por avenidas e a frequência a salões,

confeitarias, livrarias e esquinas chiques, como a da Avenida Central com a Rua do Ouvidor. Esta foi a versão do cosmopolitismo carioca, a contribuição brasileira à *Belle Époque* internacional. Esta política, no entanto, aponta para a lógica das oposições do discurso governamental e dos intelectuais a que se atrela a imagem de cidades circunscritas pela lógica excludente e hierarquizadora.

Esta lógica promoverá a intervenção no espaço, demolindo a cidade que denuncia um passado colonial e escravista que se quer esquecer, porque sua cultura está distante dos figurinos europeus adotados pelas classes dirigentes. A cidade que se quer apagar será literalmente varrida da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute das camadas aburguesadas. A cidade moderna é, então, gerada por meio de uma “[...] linguagem mediante duas redes diferentes e superpostas: a física e a simbólica, que a ordena e interpreta”, conforme a formulação de Angel Rama (1984, p.32).

Se a atitude da cidade das letras é ordenar os signos para expressar uma política do poder instituído e justificá-la ideologicamente pelo discurso, parte significativa de nossos intelectuais colocou sua escrita a serviço do Projeto Oficial, ao mesmo tempo, em que expressava a aderência à euforia do “Rio civiliza-se”, ainda que sob o signo da exclusão e da hierarquia. Ao se analisar as relações entre literatura e experiência urbana, por meio da leitura das crônicas de Machado de Assis (1985) em *A Semana* e de Lima Barreto (1961) em *Vida Urbana*, observa-se que as representações literárias que emanam das vozes dos autores demonstram que traços dessa modernização segregavam boa parte da população.

Para se traçar a fisionomia da cidade moderna é necessário refletir-se sobre a produção literária enquanto fenômeno social. Assim, para que se possa promover a análise das representações que emanam das imagens urbanas na literatura produzida na metrópole, de modo especial no Rio de Janeiro no limiar do século XX, é essencial a recuperação do conceito de representação urbana que é tecido, por meio do olhar do *flâneur*, o narrador-andarilho, que por entre passos e letras, escreve a cidade textual. O narrador, com a máscara do *flâneur*, lê o espaço público, metonimicamente representado pela rua, como realidade viva e dinâmica. O *flâneur*, que perambula e reflete, cheio de curiosidade, lê a cidade como um discurso, vendo-a enquanto inscrição do homem no espaço e no tempo. Sua leitura produz outro discurso, a cena escrita, para a qual é chamado o leitor investido também do papel de *flâneur* que, agora, percorre o discurso via letras impressas.

Ao se focalizar a reconstrução das imagens da metrópole carioca, alguns elementos metafóricamente passam a representar o progresso: os bondes elétricos, os hábitos sociais que foram modificados, a *flânerie* pelas ruas do Rio de Janeiro e o cultivo do fetiche pela mercadoria. O mapa discursivo, esboçado pela pesquisa, e desenhado por Machado de Assis, será o mesmo trilhado por Lima Barreto, surgindo,

dessa forma, a imagem de um Rio de Janeiro escrito a quatro mãos, e por meio deste concerto são erigidas a Cidade Subterrânea projetada por Machado de Assis e a Cidade-Palco criada por Lima Barreto.

Assim, tece-se o fio condutor deste trabalho, demonstrar que Machado de Assis e Lima Barreto trataram, sim, de um mesmo fato. Produziram suas crônicas, a partir de uma perspectiva crítica, lúcida e consciente da pátria. A saber, dado o mesmo país, mesma cidade, mesmo tempo (com intervalo histórico pequeno) e a mesma trama de relações sociais, que se desenvolvem ao ajuste do pensamento sobre os problemas sociais. Ao se confrontar a cidade projetada por Machado de Assis à cidade escrita de Lima Barreto, e ao percorrer a trilha projetada por estes escritores, percebe-se que o Rio de Janeiro lido/escrito por eles denota vários pontos de convergência, assim como o próprio processo de escritura, embora esta similaridade surja diante da diversidade de estilos.

Machado e Lima, ao tecerem a cidade de papel e tinta, cenarizam e grafam o Rio de Janeiro em sua multiplicidade de signos, em busca da decifração do urbano, que se situa no limite extremo e poroso entre realidade e ficção. Os autores desvendam o funcionamento da sociedade, utilizando estratégias diferentes, compreenderam que deviam abrir as cortinas, debruçar-se sobre a janela e encarar a cidade. Exclusão, progresso, construção, apagamento, subterrâneo, cenário, são imagens literárias cabíveis para nomear a cidade do Rio de Janeiro em pleno processo de modernização.

A cidade subterrânea de Machado de Assis

Diariamente a cidade lança neste rio
suas sólidas construções e seus sonhos de
nuvens como se fossem imagens.

Walter Benjamin (1991, p.37).

A cidade textual lida/escrita por Machado de Assis é construída literariamente com elegância, inteligência e espíritosidade. A arte suprema de dissimulação, o jogo de esquivas e despistamento de seus narradores, demonstram que Machado de Assis localizava as questões mais graves da vida nacional, com precisão absoluta, por detrás do discurso elegante e dos artifícios da sedução oratória. Machado explicita sua crítica não confrontando a elite ou escrevendo invectivas contra ela, como Lima Barreto, mas lhe dando voz. O escritor de salão e da pilhéria inglesa, preocupado com as

grandes questões da alma humana, aparece, nas crônicas, como um crítico ferino das iniquidades ocorridas na história do Brasil.

Para Brayner (1982, p.429, grifo do autor), Machado:

Ao fazer um comentário de ordem social, trata o fato com uma tonalidade desconcertante, bipolaridade requerida por sua intenção estilística de inadequação entre a idéia e a expressão entre o significante apontado e a significação escondida, o que aumenta sempre a impressão de “descompasso” entre o mundo exterior e sua manifestação na subjetividade.

As crônicas de Machado vão construindo um discurso em que há dominância da ambivalência dialógica da verdade, esta dupla orientação textual – em direção ao objeto e em direção do outro emissor – aciona um conjunto de recursos estilísticos que força um projeto de ressignificação do objeto. As palavras, ao serem introduzidas no discurso da crônica machadiana, tornam-se impregnadas de uma carga intencional, em que o confronto é motivo de um humor comedido. Essa construção, baseada na bipolaridade, é sujeita a inúmeras variantes possíveis.

Para se ler a cidade, de tinta e papel engendrada por Machado de Assis (1985), é preciso captá-la nas dobras, por meio da interpretação das metáforas que nela se inscrevem (bonde, ruas, salões...). Esta cidade espera a ordenação para ser lida, pelas metáforas visuais é que se deve procurar ler a realidade nova, a da metrópole moderna.

Leitor do social, Machado recupera uma sensibilidade da vida urbana de sua época, recolhendo aquele viés de amoralidade, que é vivenciado como integrante natural da vida de uma cidade moderna e em transformação. Ora descreve o provincianismo ingênuo, que é vencido pelas artimanhas de um viver social, cujas regras lhe são estranhas; ora é a exacerbação do culto das aparências e a supervalorização de títulos e cargos que são trazidos com realismo e ironia pela pena de Machado.

Machado, ao ler /escrever a cidade do Rio de Janeiro, mostra duas vias que se completam. De um lado, há a perspectiva de um “eu” que se distancia, este “eu” apela para as metáforas, que abundam e fecundam, fazendo deste retratista, um coreógrafo do movimento da cidade. De outro lado, o seu campo de visão recai sobre os acontecimentos “corriqueiros” da metrópole que se expande. As imagens que advêm, nas dobras das crônicas machadianas, associam o traço visível à coisa invisível.

Diante da sobreposição dessas duas vias, surgem a cidade visível e a cidade subterrânea, implícita no discurso bipolar do Bruxo do Cosme Velho. Há uma mistura do discurso prosaico, de livre associação de idéias e o pensamento especulativo com a procura do sentido profundo dos acontecimentos, de modo que passa a expressar o arbitrário.

O Rio de Janeiro que se apresentava como moderno, é estampado nas notícias veiculadas pelos jornais, e registrado nas crônicas machadianas. Os acontecimentos que fervilhavam no Rio que se civilizava, a chegada dos bondes elétricos, a rua que se modernizava, a ida aos espetáculos, são temas que emergem nos comentários da *Semana* (MACHADO, 1985). No entanto, a produção textual de Machado está longe de uma adesão ao modo de ser e ao sentido do progresso. Ao lado dos simples comentários, esboça-se a dicotomia entre a essência e aparência, por meio dos fatos comentados engendra-se uma cidade que não se mostra à primeira vista. Ela se torna visível, à medida que o leitor verticaliza sua leitura e busca além do aparente, portando-se, dessa forma, como um arqueólogo, escavando em busca de um tesouro, no caso aquilo que não foi dito, mas sugerido por engenhosas metáforas. E assim, surge a cidade que não corresponde à cidade da superfície, confirmando as idéias de Meyer (1958), que afirmava ser o sentido da superfície não correspondente ao existente em nível mais profundo.

Nesse processo, pode-se desdobrar a sintaxe da superfície textual, fazendo as significações potenciais e afastadas se relacionarem e apontando para diferentes direções significantes. Por esse viés, é possível abrir pistas para suplementos e acréscimos, a partir das marcas deixadas na tessitura dos textos. Tal caminho possibilita examinar a exterioridade, os cruzamentos e as relações que constituem um texto, como superfície-plana, labiríntica e vertiginosa. Assim, podem-se oferecer esboços do desenho da cidade, lendo-se textos que lêem o Rio e já são, pois, interpretação. Elaborar-se, assim, interpretação de interpretação. A metáfora é, pois, uma estratégia que, sem perder o rigor, conjuga-se aos jogos de linguagem que possibilitam a passagem da metáfora ao conceito. Ela, a metáfora, deixa de ser apenas uma figura de retórica, para ganhar força operatória. Na força lúdica da metáfora-conceito, trabalham a linguagem e a atividade do leitor, afinal absorvido pelo universo dos signos. Como atesta Angel Rama (1984, p.100), em *A Cidade das Letras*:

Desaparecidos os dados sensíveis, esses significantes da linguagem urbana, conquista-se o direito de redimensioná-los de acordo com as puras significações que se quer transmitir a quem não será outra coisa senão um leitor. Ainda este, desprendido dos vínculos reais, parece absorvido pelo universo dos signos. A vida arraigada a que estava acostumado se dissolve, é arrastada pelo movimento transformador que não cessa e sem dúvida perde pé; só pode se recuperar, só pode encontrar raízes analógicas, no mundo vicário que os signos constroem.

Dessa forma, estrutura-se nas entranhas da cidade moderna com todos os seus aparatos, uma cidade subterrânea que revela um Rio de Janeiro construído sobre um espaço ilusionista, um Rio que se civilizava sob patrocínio das elites aburguesadas, contrastando com seu padrão colonial, patriarcal e escravocrata. Daí surgiria a

esdrúxula situação, que abriga, num mesmo país e num mesmo período, dois tempos distintos: o passado e o futuro, o atraso e a modernidade.

Angel Rama (1984) foi quem notou uma característica crucial para a compreensão deste processo. Para ele, as cidades formam duas redes diferentes, uma física e outra simbólica. A primeira, múltipla e fragmentada, percorrida por todos e por qualquer um, acaba subordinada a esta última, na qual somente alguns são capazes de interpretar significações para ordenar a cidade.

A cidade palco: um espetáculo de fachada

Não tenho medo da palmatória do Feliciano e escrevo com muito temor de não dizer tudo o que quero e sinto, sem calcular se me rebaixo ou me exalto.

Lima Barreto (1956b, p.257).

Lima Barreto faz com que a escrita pré-modernista encontre nas crônicas uma forma de modernidade da palavra que ainda não fora instaurada. É verdade que se apontam contradições na ideologia de Lima Barreto: o iconoclasta de tabus detestava algumas formas típicas de modernização que o Rio de Janeiro conheceu nos primeiros decênios do século XX: o futebol, o arranha-céu, e o mais grave, a própria ascensão profissional da mulher. Chegava, algumas vezes, a confrontar o sistema republicano desfavoravelmente com o regime monárquico. Segundo Lima Barreto (1961, p.110): “Uma rematada tolice que foi a República. No fundo, o que se deu em 15 de novembro foi a queda do Partido Liberal e a subida do Conservador”.

O plano narrativo e o crítico de Lima Barreto tem como foco central a perspicácia e a inteligência como sua força atuante. No nível estético, também ocorre a coexistência de representação e espírito crítico. E qual poderia ser a linguagem desse cronista de subúrbio carioca? Bosi (1979, p.95), assim responde: “O que parece espontâneo e instintivo em sua prosa, na verdade é consciente e não raro polêmico”. Lima pregava de maneira desenganaada a literatura militante e, tinha como pressuposto que “Todos os meios são bons quando o fim é alto”, propunha-se a realizar esse ideal “[...] em uma língua inteligível a todos, para que possam chegar facilmente à compreensão daquilo a que cheguei.” (BARRETO, 1956a, p.16).

Na cidade textual de Lima Barreto, prevalece o espírito de revide contra os poderosos, os proprietários de jornais, os fregueses, os políticos. No entanto, nas crônicas de Lima, influi sempre o espírito de humor das situações. Ele se mostra o tipo perfeito do analista social, mas uma analista de combate, não se limitando a mostrar

os fundos da cena, o que vai pelos bastidores, toma partido, assinala o que há de falso, de mentiroso na linguagem dos outros, diferente de Machado de Assis que se esquivava de um julgamento direto. A cidade escrita por Lima é vibrante, nas crônicas, o autor se arma da mais terrível ironia, esta não possuía as delicadezas e intenções filosóficas de Machado de Assis, veladas pelo sorriso cético.

Lima Barreto torna-se um pensador da cidade, muitas vezes, vai além da ironia, para assumir um caráter panfletário. Na cidade textual barretiana, ele não foi somente autor, mas também personagem. Sua literatura adquire um tom confessional, suas crônicas, pode-se dizer, formam uma série de confissões que se derramam com uma voz estridente, com gosto ácido. Traços de suas experiências as mais exteriores e insignificantes, como as mais delicadas e íntimas são registradas em sua obra. O Rio construído por Lima é restrito a sua subjetividade, enquanto analista social, ele projeta o seu eu como foco de análise, polarizando, de certa forma, o ressentimento do autor, que nela se encarna, tornando a cidade a sua “casa”.

A cidade lida/escrita por Lima Barreto é construída por meio do traço crítico e direto direcionado ao progresso, de imediato, ele focaliza seu olhar para a cidade real. E vê o terrível ao lado do belo, o cômico somado ao trágico, a loucura em tensão com o lógico. Dessa forma, é revelada a cidade textual de Lima Barreto. Embora Lima queira e esteja no coração pulsante da cidade, ele denuncia as mazelas que resultam da metamorfose da vida carioca a caminho de um cosmopolitismo identificado com o modelo parisiense.

Sob o signo da desconfiança, mas rejeitando a nostalgia do campo, percebe a relação necessária entre a modernidade e vida urbana. Coloca-se, contudo, à margem da euforia e vê criticamente a gradativa perda da “experiência” – que vem da repetição do hábito, fora do reino do efêmero da cidade moderna. A experiência ligada às formas culturais da tradição é atropelada pelo projeto de modernidade autoritária do Estado, que afasta os cidadãos dos processos de decisão. Deste ponto de vista, Lima registra com ironia, a montagem do cenário para a representação da “peça” que dramatiza o entusiasmo desses tempos, surge, então, a Cidade -Palco. “De uma hora para outra, a antiga cidade desapareceu e outra surgiu como se fosse obtida por uma mutação de teatro. Havia mesmo na cousa muito de cenografia” (BARRETO, 1961, p.106).

A cidade real que Lima engendra, contrapõe-se à cidade ideal concebida pelos donos do poder, sob o lema positivista da ordem e progresso, apagando o passado identificado com o atraso. Em sua cidade real, o cronista constata o jogo destruição/construção que anima a cultura do modernismo do século XX. As crônicas denunciam esta polaridade, acusam a desfiguração do Rio de Janeiro, resultado de projetos que destroem a imagem verdadeira, surgindo, então, a dimensão cênica da cidade.

Seu trabalho foi o de tentar perscrutar a alma da cidade em sua superfície, tentar perceber como a própria superfície da cidade poderia mostrar sua alma. Seu olhar aguçado perceberia logo a tentativa brasileira de, como num espetáculo, imitar o estrangeiro, em busca de se assemelhar a ele, para poder embarcar na tão desejada era do progresso. Mas na construção de sua cidade, Lima, percorrendo-a como um bom *flâneur*, irá desvelá-la não apenas como cidade-cópia. Uma vez que imprime em suas crônicas a fisionomia da cidade, que travava um grande duelo na construção dessa cidade moderna: um duelo no tempo, em que o futuro tentava destruir o passado.

Há, assim, em Lima Barreto um sentimento contundente diante das transformações, rápidas e radicais, que a inserção na modernidade exigia, implementando o novo, o futuro cosmopolita, e sepultando o velho, o passado. Mais que isso, Lima via nesse processo uma força de homogeneização cuja tendência seria a de destruir a identidade singularizada de uma cidade, suas características locais. Ele soube captar, como poucos, o ritmo frenético imposto pela vida moderna. Pegar o bonde do progresso era um exercício que, embora por vezes exercesse fascinação em nosso autor, representava um grande perigo, de o homem se tornar mera engrenagem.

A cidade escrita: faces da mesma cidade

Cada cidade tem a sua linguagem
nas dobras da cidade transparente.

Carlos Drummond de Andrade
(1999, p.1).

A visão da crítica tradicional, que chega mesmo a considerar absurda a comparação entre ambos os autores, parece fundar-se em uma leitura equivocada ou, no mínimo, limitadora, da obra de Machado; ao apostar todas as fichas do exercício de análise no caráter univocamente universal da ficção machadiana, universalidade que efetivamente existe, mas que, longe de unívoca ou se fundar em uma negação de seu tempo e sua história, extraía sua força e sentido, ao contrário de um equacionamento muito fino das contradições formativas da época.

Na verdade, Machado de Assis e Lima Barreto trataram, sim, de uma mesma coisa. Produziram suas crônicas, a partir de uma perspectiva crítica, lúcida e consciente do país em que viviam. A saber, dado o mesmo país, mesma cidade, mesmo tempo (com intervalo histórico pequeno) e a mesma trama de relações sociais, que se desenvolvem ao ajuste do pensamento sobre os problemas sociais.

Ao se confrontar a cidade projetada por Machado de Assis à cidade escrita de Lima Barreto, chega-se a conclusão de que o Rio lido/escrito por estes cronistas possui vários pontos de convergência, assim como o próprio processo de escritura, embora esta similaridade surja diante da diversidade de estilos.

A cidade subterrânea, que emerge no discurso machadiano, é equivalente à cidade-palco engendrada por Lima. A começar pelos aspectos referentes à questão do progresso social. A cidade lida/escrita nas crônicas de ambos é uma síntese de contradições da cidade colonial que entrava compulsoriamente na modernidade: peste convivendo com *champagne*, eleições gerais com queima de dinheiro, a República real com a República sonhada, o governo com o desgoverno. Tanto na cidade subterrânea quanto na cidade palco, pode-se localizar, com precisão absoluta, a “má-formação” nacional. O que os diferencia é o processo de construção, enquanto em Machado a cidade-real se revela nas profundezas do texto, a cidade-palco de Lima se encontra na superfície textual.

O Rio de Machado tem como protagonista a própria elite, a qual o cronista dá voz, e é por meio do conjunto de sonhos, pelas aspirações e pelas angústias desta elite aburguesada que se levanta o mapa discursivo da cidade. Por detrás de um discurso elegante e sedutor, esconde-se uma crítica contundente sobre a cidade que se “quer” sobre a cidade que se “tem”.

A cidade real, por onde circulava a classe popular, não cabia na versão da ordem, ela deveria estar fora da cena, para não manchar o cenário construído pelo hino das “picaretas regeneradoras”. Lima Barreto, então, procura desfazer este cenário e projeta para o discurso de suas crônicas imagens que desmancham a cenografia da cidade ideal.

Neste ponto, ocorre a primeira similaridade, entre a cidade subterrânea e a cidade palco de Lima, ambas ilustram a construção do cenário do progresso, da mudança, mas igualam-no à barbárie travestida de civilização. O processo de demolição que se observa nesta fúria urbanística é promovido pelo apagamento da memória urbana. O jogo destruição/construção é a polaridade que molda as crônicas destes escritores. A diferença ocorre na forma de abordagem da crítica, a de Machado se dá nas entrelinhas, no despistamento; já em Lima, segundo ele mesmo, não deve ficar implícita. Em uma carta a Austragésilo de Ataíde, Lima Barreto escreveu: “Não tenho medo da palmatória do Feliciano e escrevo com muito temor de não dizer tudo o que quero e sinto, sem calcular se me rebaixo ou me exalto.” (BARBOSA, 1988, p.228).

Para a construção da cidade de papel e tinta, por meio das crônicas, tanto Machado de Assis como Lima Barreto lançam mão da ironia, instrumento, por excelência, de persuasão, a qual transforma a realidade com vistas à preservação dos interesses. Assim, Machado a utiliza para fundar um processo de grande tensão,

gerando um texto polifônico, pois além da polêmica suscitada pelo narrador, percebe-se uma outra que denuncia a arbitrariedade, esse é o local fundador da cidade subterrânea. Para Helio Pólvora (2002, p.45), a ironia em Machado de Assis:

[...] expõe, além do temperamento e caráter, toda uma filosofia de vida: evitar o confronto muitas vezes inglório. Em vez de pugilatos, o pulo do gato que se esquia e segue maneiro; em vez da presença ostensiva no palco, o cômodo lugar na primeira fila, de onde se acompanha melhor o espetáculo dos outros e a parvoíce da vida.

Em Lima, ao contrário, a ironia é forma de dessacralização da linguagem literária, a fim de se aliar ao humor visual, construindo com a plasticidade das palavras, caricaturas em forma de textos verbais. Em ambos, a ironia é o lugar dos questionamentos acerca do processo civilizatório, instaurado na metrópole.

O mapa discursivo traçado pelos cronistas é “desenhado” por meio de uma linguagem singular. A escrita de Machado de Assis, em suas crônicas, revela-se importante como espaço literário da oralidade, que ele domina com mestria sem jamais cair no vulgar, isso já foi observado por Afrânio Coutinho (1985), esta oralidade vai propiciar uma flexibilidade lingüística necessária ao jornalista sem jamais descambar para a transcrição direta do falar do carioca do final do século XIX. Entretanto, podem-se perceber expressões que fazem parte da época vivida pelo cronista. Numa época em que dominava o vernaculismo lusitano, Machado, apesar da convivência com os clássicos portugueses, soube ser fiel à língua, não deixando de lado ao aspecto renovador que a fala popular traz junto consigo. Para Matoso Câmara Junior:

A linguagem coloquial oral se aproxima ao nível do narrador, para transmitir a situação lingüística ao seu leitor implícito. Deve-se assinalar que a escolha da perspectiva narracional muito colaborou para este caminho dentro da oralidade: é a uma certa imagem de leitor que se dirige, em cujo repertório lingüístico instala sua situação comunicativa. (CAMARA JR, 1962, p.135).

A oralidade em Machado é controlada, por ser ele um exímio conhecedor da norma culta, assim ele a utiliza como recurso estilístico, sempre voltado para a tensão narrador-leitor.

A linguagem de Lima Barreto atravessa o código realista, não tem erudição, não tem citação, não tem personagem da rua falando como doutor. Todos ali, inclusive o narrador, falam do mesmo jeito, a linguagem nivela todos. Chama muito à atenção, quando se lê a obra do Lima Barreto, a atualidade desta obra não só em termos de linguagem. Ele escrevia numa linguagem bastante acessível, bastante próxima até da

oralidade. Linguagem pela qual ele foi muito criticado pelos seus pares e intelectuais da época.

Compreendendo precocemente que a linguagem e a gramática se tornam instrumentos da opressão e dominação de classes, Lima Barreto rompeu conscientemente com a linguagem anacrônica, classicizada, de um Rui Barbosa, de um Coelho Neto, de tanto prestígio na sua época. Sobre isso, ele tem tiradas inesquecíveis, acusava os escritores acadêmicos de fazerem da literatura uma continuação do exame de português. Foi por isso, e por alguns pequenos descuidos em suas obras, que os adversários o acusaram de desleixado, quando na verdade ele rompeu voluntariamente com os representantes do linguajar vernáculo. O combate a tal tipo de linguagem seria retomado pelo Modernismo. Lima Barreto chegou primeiro, então, não só por essa linguagem, mas também pelos temas de que ele trata e pelo modo como ele os trata.

O que os une, então, no que se refere à utilização da linguagem? Ambos escrevem a cidade usando a língua de uma forma mais desvinculada do academicismo vigente na época. Optam por cativar o leitor, ou seja, pretendem apreendê-lo nas malhas textuais, por meio de uma linguagem de fácil entendimento. Trazem o tom da conversa, a oralidade, a proximidade do narrador, aproximam-se do leitor como de um ouvinte-cúmplice, a quem se conta uma anedota ou com quem se descobre o sentido inusitado de um acontecimento prosaico.

O Rio de Janeiro foi o microcosmo de análise para a reflexão de Machado de Assis e de Lima Barreto sobre o Brasil. A tensão entre local x universal, localizada no cerne da identidade nacional, foi captada pelos escritores em suas visões críticas sobre a elite cultural do país. Esta tensão é revelada pela cidade onde viviam. Cidade que apresentava enormes desigualdades sociais e relações de poder profundamente enraizadas na vida nacional. Dessa forma, o Rio de Janeiro que concentrava e potencializava estes problemas, funcionou como uma síntese ou microcosmo do Brasil.

Ambos os escritores, escreveram sobre a modernidade que chegava ao Rio de Janeiro da *Belle Époque*, com todas as suas contradições estimuladas pelo desabrochar da sociedade burguesa, num país de herança colonial e escravista. Em suas crônicas, há o registro das metas governamentais para se transformar o Rio de Janeiro numa Paris tropical, traduzindo as intervenções urbanas de Haussmann, na França, para o contexto nacional, além disso retratam o Rio convulsionado pelas picaretas e derrubada do velho casario que deveria se transformar em um cartão postal do Brasil e não mais terra de negros e doenças, onde navios passavam ao largo, mas uma urbe bela e agradável, à vista e à vida. De Machado de Assis a Lima Barreto, as crônicas atestam a mudança da cidade, em nome do progresso e do seu desabrochar como metrópole.

À cidade subterrânea junta-se a cidade palco, elas nascem a partir das crônicas produzidas por Machado de Assis e Lima Barreto. Não são, como até então se

acreditava, faces distintas do Rio que se modernizava, ao contrário, são leituras literárias do Rio que se complementam. Pelo olhar machadiano, a cidade aparente vai se mostrar encoberta por camadas que dissimulam sua verdadeira face, o discurso gerado, à primeira vista, saúda o progresso e suas novidades, no entanto, como já visto, critica duramente a elite que adotava o mito parisiense como referência emblemática da modernidade. Para se chegar a visualização desta cidade oculta, é necessário percorrer as pistas sutis, partindo da cidade da superfície, deixadas pelo Bruxo do Cosme Velho e se lançar à escavação, para se chegar a cidade que se encontra nas dobras de suas crônicas.

A visão barretiana projetada sobre o Rio de Janeiro elege, também, o viés de tendência cosmopolita, para construir sua crítica sociocultural. Indicando como ele vê a capital da República na *Belle Époque* carioca. Nesse sentido, a cidade escrita de Lima Barreto se traduz pela falta de sutileza de quem tenta explícita, ressentida e desesperadamente denunciar a podridão social. Quebra uma tradição que vinha se impondo em nossa literatura, graças talvez ao alcance da obra machadiana, da comicidade irônica, à inglesa, que, se também desvendava de maneira magnífica a falsidade do ser humano, prestava-se ao jogo de cena do mundanismo *belle époque*. A cidade palco projetada por ele é engendrada na superfície do texto, o escritor constrói, por meio de seu discurso, a idéia de cidade espetáculo, em cujo palco trafegavam doutores e desempregados, almofadinhas e capoeiras, a elite e o subúrbio, enfim uma sociedade altamente bipolarizada. Por meio de suas crônicas, ele traça o mapa literário-cinematográfico do Rio de Janeiro, nada mais adequado que imagens cinematográficas para registrar o discurso de uma cidade também fragmentada. O processo de modernização por que passa o Rio de Janeiro da virada do século aprofunda diferenças criando duas cidades dentro de uma só. As duas cidades se hostilizam: de um lado a capital da *Belle Époque* tropical de costas para a realidade do país, de outro a cidade que incomoda e assusta. Lima ironiza a pretensão da primeira trazendo à tona a existência da segunda. Quando se refere à cidade, estende sua crítica aos que nela vivem e vai buscar nas contradições da modernização a inspiração para suas crônicas, demonstrando sua recusa pela homogeneização de valores da sociedade.

Assim, ao se unir a cidade textual lida/escrita por Machado à cidade de Lima, transita-se por entre dois espaços, por um lado acompanhamos o cronista do sutil e do elegante, e por outro o que traz à tona o que se tenta esconder, a união destas cidades revela as múltiplas faces de um Rio que se civilizava.

De um jeito ou de outro, as obras destes cronistas revelam aos seus contemporâneos o que só o *flâneur* em suas perambulações pela cidade podia captar, e ultrapassando o tempo deixa como legado uma fonte riquíssima sobre aspectos da vida social da *Belle Époque* carioca. Seja com ironia fina, ou pela crítica mordaz, revela-se a articulação de uma sociedade em um momento de muitas mudanças.

Reconstituir a história a partir destes textos, é buscar uma visão mais próxima dessa sociedade. Sem perder de vista o fato de que toda construção da temporalidade traz em si a subjetividade da seleção e da interpretação, a mediação do texto, nesse caso, funciona como uma lente de aumento que nos permite ver mais de perto, através dos olhos dos cronistas, um Rio escrito a quatro mãos.

Conclusão

Os olhos não vêem coisas, mas figuras de coisas que significam outras coisas. Tudo é linguagem, tudo se presta à descrição, ao mapeamento da cidade. O olhar percorre as ruas como páginas escritas: a cidade diz como se deve lê-la.

Ítalo Calvino (2003, p.17).

A leituras das crônicas escritas por Machado e Lima possibilitaram a exposição da cidade em seu aspecto fragmentar, é desse modo um recorte vivo do cotidiano carioca, não ocultando as contradições vividas no bojo da modernidade.

Machado de Assis, mais do que qualquer outro que anteriormente tenha ocupado este espaço nos folhetins, é quem dá legitimidade literária ao gênero, tornando sua escrita de cronista tão pessoal que, ao final de sua atuação como jornalista, abandona e não mais assina, certo de que nem a posteridade teria dúvidas sobre a autoria. Machado revela, em sua crônica, um desconforto em face dessa nova situação, que faz contrastar a cidade colonial com as primeiras tentativas de modernização do Rio, fixando a atenção no que se poderia chamar a natureza do caráter social revelado pelo contexto carioca. Para dar força maior a sua visão, o Bruxo de Cosme Velho faz uso da difícil e nobre arma do discurso lógico: a ironia. Arma também usada por um seu contemporâneo e conterrâneo, irmão de forças, igualmente ilustre, mas muito menos em voga: Afonso Henriques de Lima Barreto.

Na verdade, o ceticismo de Machado de Assis, dissociado da visão esperançosa de transformação, poderíamos dizer até indiferente, casa-se perfeitamente com a ideologia proposta pelo pós-modernismo, mas não é o que nos apresenta respostas ou propostas futuras para uma literatura que interaja com nossas questões e problemas conjunturais ou estruturais.

O Rio de Machado de Assis nada tem de idílico e jamais encarna o mito de um país harmônico – de harmonia entre raças e classes, entre homem e natureza, entre homem e coletivo. Ao contrário. Mesmo que o cenário proporcione a

sensação de glamour, com sua promessa sépia de referência civilizada ou, mesmo, do “provincianismo cosmopolita” que é característico da ex-capital. Ali, para o bem e para o mal, e apesar das incontáveis frustrações, ensaiou-se de fato o Brasil que o Brasil queria e talvez pudesse ter sido, uma civilização solta, graciosa, desprendida, tantas vezes reensaiada – na música, na crônica, nos costumes – mas até hoje quimérica, sobretudo diante de tantos contra-exemplos de violência e insegurança como os atuais.

Seja como for, em nenhum outro escritor a cidade aparece tão esquadrinhada, tão ponderada. O gênio de Machado foi imortalizar a cidade sem idilizá-la; muito menos, sem lhe sair apontando de dedo em riste os contrastes já então agudos, como entre a “gente da praia” e a “gente do morro”. O Rio de Machado é oblíquo; pega a vida nas travessas, não nos amplos espaços públicos da *Belle Époque* tropical.

Lima Barreto não produziu obra tão extensa e linear quanto Machado – não viveu tempo suficiente para isso, nem desfrutou da paz conveniente para o sucesso total de sua empreitada. Vivendo às últimas conseqüências, os tênues limites da vida e da morte, da esperança e do desespero, da fé e do descrédito, é a palavra escrita, na narrativa ou na ficção, que lhe permite revelar as formas abertas e veladas assumidas pelo preconceito, em suas intrincadas inter-conexões econômicas e sociais; por essa razão, não parecem corretas interpretações a respeito da vida/obra do escritor, onde predominam fatores de ordem individual e familiar, em prejuízo das circunstâncias que o teriam tornado, segundo parte da crítica literária, “desadaptado” ou “desajustado”.

Seu caráter combativo e acusatório face às injustiças do meio em que vivia, levou-o a um isolamento por parte daqueles mesmos que criticava: a imprensa corrupta, os falsos intelectuais, os políticos de ocasião, os mandatários do poder... e teve como resultado ampliar-lhe o mal que já sentia em função de sua imensa sensibilidade e o racismo enfrentado por ser mestiço: o alcoolismo.

O Rio de Lima é construído pelo lado avesso da imagem que se pretendia dar à cidade, uma imagem projetada no conjunto de obras promovido naquela ocasião, que não buscava somente o aspecto arquitetônico, mas também expulsar a população pobre do centro da cidade. Nas crônicas, ele demonstra que se visava eliminar a pobreza e dar visibilidade ao modernismo europeu e que tais mudanças, tinham por objetivo a eliminação das camadas desfavorecidas e dar um visual europeu a essa área do Rio de Janeiro, este era o anseio daqueles que comandavam o plano de remodelação da cidade. O cronista não deixa de focalizar, seu olhar mais atento, a verdadeira formação heterogênea, pobre e mestiça da população carioca.

É importante salientar, pois, que nunca se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve, contudo existe uma relação entre eles, uma vez que os olhos não vêem coisas, mas figuras de coisas que significam outras coisas. Se na cidade tudo é símbolo, o olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas. O poder gerativo

da linguagem de Machado de Assis e Lima Barreto impede, porém, que a cidade seja cristalizada em seus emblemas: há sempre margem para uma combinatória outra, a fim de que outra cidade imaginária possa existir, uma grafia urbana produzida pela atividade de leitura. Ler essas grafias urbanas, portanto, é detectar e decifrar o fio condutor de seu discurso, o seu código interno.

A cidade subterrânea de Machado de Assis e a cidade-palco de Lima Barreto cenarizam e grafam o Rio de Janeiro em sua multiplicidade de signos, na busca de decifrar o urbano que se situa no limite extremo e poroso entre realidade e ficção. A literatura tem papel decisivo na transformação da cidade em fator estético, pois as imagens construídas pela literatura, da cidade, transformaram-se em repertório da própria cidade pelas mãos dos leitores. Ou melhor, as imagens ficcionais da cidade se transformaram numa chave a destrancar os insondáveis mistérios de uma cidade, que não se revela à simples observação.

Ambos tornam inteligíveis e aceitáveis os acontecimentos cotidianos, excluídos do discurso generalizante da ciência. Trazem o tom de conversa, a oralidade, a proximidade do narrador oral para dentro do texto jornalístico, aproximam-se do leitor como de um ouvinte cúmplice a quem se conta uma anedota ou com que se descobre o sentido inusitado de um acontecimento prosaico.

Machado de Assis assume uma máscara. De uma forma irônica, afasta-se do cotidiano, libertando os fatos corriqueiros da banalidade, da indiferença ou da pretensa naturalidade da mera informação. Por associações inusitadas, revela o estranho entranhado na banalidade do cotidiano. Pela percepção de uma semelhança inusitada, o olhar irônico do cronista leva o leitor a desconfiar das panacéias ou emplastos capazes de curar nossa melancólica humanidade.

Lima Barreto cria uma nova forma de escrita ao mimetizar o cinematógrafo. Ele não revela o estranho escondido na prosa da vida, pois mostra como anormal é uma expressão prevista no cotidiano de qualquer grande metrópole. Como quem diz *a vida é assim*, torna-se guia e leva o leitor pela mão para mostrar a realidade arcaica, enfim, o mundo das ruínas presente no Rio de Janeiro moderno. Lima perde o distanciamento, vai para a rua, mergulha no *basfond* metropolitano e estetiza a miséria, a violência e o primitivo. Desfocado, crê falar do Rio metropolitano e mostra a permanência de padrões coloniais e patriarcais regressivos.

Não se trata de dizer quem é o melhor cronista, Machado de Assis ou Lima Barreto, mas de evidenciar como a crônica machadiana tende a dialogar com o leitor, trabalhando com a capacidade reflexiva e com uma percepção desautomatizada do rotineiro. Em Lima Barreto, o passo seguinte (supostamente uma nova forma de crônica) traz o fascínio da modernidade e a fixação petrificante do olhar lançado sobre a miséria brasileira, naturalizada como uma inevitável expressão da modernização excludente. Supostamente mais moderno, o olhar de Lima Barreto é arcaizante, pois fica preso à

emoção, ao espanto imediato, ao horror da realidade revelada ao se tirar a máscara da modernidade.

Machado de Assis e Lima Barreto foram alguns dos que, ansiando por desvendar o funcionamento da sociedade, compreenderam que deviam debruçar-se sobre a “janela” de onde escreviam e encarar a cidade, estabelecendo um fluxo entre o devaneio pessoal e intransferível e o bulício das ruas. Exclusão, progresso, construção, apagamento, subterrâneo, cenário, são imagens literárias cabíveis para nomear a cidade do Rio de Janeiro em processo de urbanização ao longo dos séculos XIX/XX. E, justamente por serem imagens, têm o poder de dar aos processos sociais em formação a legibilidade necessária à sua compreensão, antes ainda que o pensamento científico delas se aposse, esvazie-as de seu conteúdo dramático e dote-as de uma pretensa cientificidade incontestável.

Nestes escritores, o Rio se mostra uma cidade inacabada, sempre submetida à demolição em nome do progresso, do moderno, que pode, no entanto, ser apreendida ora na profundidade, ora na superfície das folhas de seu livro de registro. Neste livro estão assentados textos que oferecem leituras parciais da cidade, sem tentar reconstituí-la em sua totalidade. Outras leituras derivadas daí procedem por cortes, seleção de fragmentos, aproximando tempos e espaços diversos. Por essa estratégia discursiva, engendra-se uma leitura desses destroços, como um andarilho, ou um simulacro de flâneur, que percorre esse Rio de Janeiro feito de textos, de papel e tinta. Desenhando esboços, sempre provisórios, em tons diversos. Modos de leitura completam-se, suplementam-se, chocam-se, contradizem-se na cena da escritura. Esta, enquanto palco, teatro, pode ser dramatizada por um olhar prismático, considerando a cidade escrita como textualidade. Pode-se ler o livro de registro da cidade de modo descontínuo, aos saltos, em movimento entre dança e estatelamento, fazendo, ao mesmo tempo, a leitura se ramificar em diversas direções, em sua dispersão.

Ler a cidade, portanto, é engendrar uma possível leitura para o que se foi tornando ilegível, num jogo aberto e sem solução. Essas leituras são o relato sensível dos modos de ver a cidade, produzindo uma cartografia simbólica, na qual se dá a passagem do corpo da cidade ao corpo do texto, surgindo, assim, um Rio de Janeiro escrito a quatro mãos, vários olhares e uma certeza, não há a exclusividade de um modelo para a leitura da cidade. Nessa tarefa, leitor e escritor fazem-se parceiros e colaboradores na desconstrução e reerguimento das cidades da memória.

BORGES-TEIXEIRA, N. C. R. Facade of the underground: the city of written Machado de Assis and Lima Barreto. **Revista de Letras**, São Paulo, v.51, n.1, p.71-90, jan./jun. 2011.

- **ABSTRACT:** *This study ponders the relations between literature and urban experience. In this perspective the representations of Rio de Janeiro city, recently inserted in modernity and still having traces of its colonial past, are mapped. The study has as its main objective the analysis of chronicles produced by Machado de Assis and Lima Barreto, writers who can be considered “portrayers” of the modernizing Rio. The study of such chronicles considers, besides the literary focus, the historical configuration and the strong journalistic appeal of such genre, which had been disregarded by the literary canon. Besides the representation of Rio de Janeiro city generated by the literary discourse, the study promotes the unique literary confluence between Machado de Assis and Lima Barreto, who had been considered antithetical. In order to promote such confluence, the study maps the discourse of the modernizing metropolis, Rio de Janeiro reaching the XX century. Through the revelation of the forest of symbols which is “weaved” in modernity, the Machadian and the Barretian city emerges. What can be observed then is the appearing of Rio written by four hands, amongst a “disconcerting harmony” generated by the apparent paradox which involves the literary work of these two writers.*
- **KEYWORDS:** *City textual literature. Machado de Assis. Lima Barreto*

Referências

ANDRADE, C. D. de. **Alguma poesia**. Disponível em: <<http://drummond.memoriaviva.com.br/alguma-poesia/retrato-de-uma-cidade/>>. Acesso em: 1 jun. 2012.

ASSIS, M. de. **Obra completa**. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985. v.3.

BARBOSA, F. de A. **A vida de Lima Barreto**. 7.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio: INL-MEC, 1988.

BARRETO, L. **Marginália**. Rio de Janeiro: Mérito, 1956a.

_____. **Correspondência**. São Paulo: Brasiliense, 1956b. Tomo 2.

_____. **Vida urbana**. São Paulo: Brasiliense, 1961.

BENJAMIN, W. Paris do segundo império. In: _____. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. 2.ed. Tradução de José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1991. p.33-65. (Obras escolhidas, v.3).

BOSI, A. **O pré-modernismo**. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1979. v.5.

BRAYNER, S. Metamorfoses machadianas. In: BOSI, A. et. al. (Org.). **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982. p.426-437.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CÂMARA JR, M. **Ensaaios machadianos**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.

COUTINHO, A. A crítica literária romântica. In: _____. **A literatura no Brasil**. 3.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1985. v.3.

HELDER, H. **Ou o poema contínuo**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

MEYER, A. **Machado de Assis: 1935-1958**. Rio de Janeiro: São José Ed., 1958.

POLVORA, H. **Itinerários do conto: interfaces críticas e teóricas da moderna short story**. São Paulo: Citruis, 2002.

RAMA, A. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1984.